

Escolas, Culturas e Identidades

Comunicações - volume II



António Gomes Ferreira (Org)

III Congresso
Luso-Brasileiro de História da Educação

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
Coimbra 2000

Comissão organizadora

Ana Waleska Pollo Campos Mendonça - Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro
Cynthia Grave Veiga - Universidade Federal de Minas Gerais
Denise Barbara Catani - Universidade de S. Paulo
Luciano Mendes de Faria Filho - Universidade Federal de Minas Gerais
Maria Teresa Santos Cunha - Universidade do Estado de Santa Catarina
Marta Maria de Araújo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Antônio Gomes Ferreira - Universidade de Coimbra
Ana Parracho Britto - Soc. Port. Ciências da Educação
Antônio Matoso Martinho - Universidade Católica Portuguesa
Joaquim Pintassilgo - Universidade de Lisboa
José Augusto Pereira - Soc. Port. Ciências da Educação
Manuel Carvalho Prata - Instituto Politécnico da Guarda

Comissão científica

Arisnete Câmara de Moraes - Univ. Federal Rio Grande do Norte
Carlota Bolo - Universidade Mackenzie
Cynthia Pereira de Sousa - Universidade de S. Paulo
Clarisse Nunes - Universidade Federal Fulminense
Dermerval Saviani - Universidade Estadual de Campinas
Eliane Martha Teixeira Lopes - Univ. Federal Minas Gerais
Lúcio Kreulz - Univ. do Vale do Rio dos Sinos
Maria Cecília C. de Souza - Universidade de S. Paulo
Maria Helena C. Bastos - Univ. Federal Rio Grande do Sul
Martha M. C. de Carvalho - Pontifícia Univ. Cat. S. Paulo
Miriam J. Warde - Pontifícia Univ. Cat. S. Paulo
Joaquim Ferreira Gomes - Universidade de Coimbra
Antônio Candeias - Universidade Nova de Lisboa
Antônio Nóvoa - Universidade de Lisboa
Aurea Adão - Universidade Lusófona
Helena Araújo - Universidade do Porto
Justino Magalhães - Universidade do Minho
Luís Reis Torgal - Universidade de Coimbra
Manuel Ferreira Patrício - Universidade de Évora
Maria Cândida Proença - Universidade Nova de Lisboa
Rogério Fernandes - Universidade de Lisboa
Sérgio Campos Matos - Universidade de Lisboa

Secretariado

Sofia Bergano (coordenação)
Manuel Costa
Aires Dinis
Sônia Nogueira
Marcos Rodrigues

Patrocínios

Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Prog. FACC)
Instituto Camões
Instituto Histórico da Educação
Instituto de Inovação Educacional (Prog. SIQE)
Governo Civil de Coimbra
Câmara Municipal de Coimbra
Região de Turismo do Centro
Região de Turismo Dão Lafões
Porto Editora

Comissão de honra

Presidente da República
Primeiro-Ministro
Ministro da Educação
Embaixador do Brasil
Reitor da Universidade de Coimbra
Governador Civil de Coimbra
Presidente da Câmara Municipal de Coimbra
Presidente da Comissão Nacional para a
Comemoração dos Descobrimientos Portugueses
Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Apoios

Associação Nacional de Pós-Graduação
e Pesquisa em Educação
Banco Mello
Casa Pia de Lisboa
Centro de Estudos Interdisciplinares
do Século XX (CEIS 20)
Centro de Psicopedagogia
da Universidade de Coimbra
Comissão Nacional para a Comemoração
dos Descobrimientos Portugueses
Companhia de Seguros Bonança
Departamento de Educação da Faculdade
de Ciências da Universidade de Lisboa
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Minas Gerais
Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação da Universidade de Coimbra
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Reitoria da Universidade de Coimbra
Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
Universidade Estadual de Santa Catarina
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Agostinho da Silva:
teoria e prática educativa em terras de Portugal e do Brasil

Artur Manso - Universidade do Minho

*"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.
E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.
Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!"*
Fernando Pessoa

Apresentação

Passam 500 anos da expansão da cultura portuguesa por terras brasileiras, iniciada e prosseguida por um punhado de iletrados lusos que sobrepondo o sonho aos ensinamentos científicos, abalaram pelo caminho arável do mar traiçoeiro até ao porto seguro das partes da terra até então ignoradas.

Não sei se apenas se cumpriu o sonho e se "falta cumprir Portugal", ou se pelo contrário o sonho é indistinto de Portugal, e a sua concretude seja apenas uma tarefa impossível de realizar enquanto os homens não forem capazes de redefinir as suas prioridades existenciais.

Para que o espaço da lusofonia encha hoje o discurso dos políticos e dos homens de letras do momento, muitos foram os que passando por loucos e visionários, empenharam todo o seu trabalho físico e intelectual fazendo com que o sonho de ontem, encabeçado por poucos, seja a realidade de hoje propalada por muitos.

Entre esses construtores do espaço lusófono está em lugar de destaque Agostinho da Silva (1906-1994), que por razões diversas - mas quem sabe! também para cumprir o destino - viveu com dupla nacionalidade, portuguesa desde o seu nascimento, até 1958; brasileira de 1958 a 1992, para finalmente, em 1992 voltar a ser aquilo que nunca deixou de ser, um cidadão português, e por isso ecuménico e universalista.

José Aparecido de Oliveira, político e intelectual brasileiro diz-nos: "A política externa de Jânio Quadros, com sua inclinação para África e a Ásia, teve em Agostinho da Silva um de seus inspiradores. Entre outras sugestões plenas de simbolismo, foi dele a lembrança para que o navio-escola da Marinha 'Custódio de Melo' incluísse em viagem de estudos os cinco pontos de língua portuguesa da África"¹.

Aurora Goulart, antiga aluna de Agostinho, nos anos 50, na Universidade de Santa Catarina, recordou recentemente que ele se interessava "por tudo mas em particular por problemas que hoje são de uma grande actualidade. A amizade, inclusive a união do Brasil com África. Chamá-vos à atenção para o Cornesul - aquilo que hoje é o Mercosul. Ele dizia: 'Aquilo que é preciso é o Sul se unir porque o Norte está forte. Mas

separado não pode, tem que se juntar"².

Esclarecido o pioneirismo de Agostinho da Silva passaremos a assinalar alguns marcos por si deixados na cultura portuguesa e brasileira contemporâneas.

Instituições pedagógicas promovidas por Agostinho da Silva em Portugal entre 1932 e 1943

Agostinho da Silva formado intelectualmente, primeiro pela infância feliz passada na confluência das terras portuguesas e espanholas de Barca de Alva, depois na ambiência intelectual do Porto dos anos vinte, primeira Faculdade de Letras do Porto, e movimento da "Renascença Portuguesa", e durante os anos trinta na ambiência intelectual do movimento lisboeta da "Seara Nova", com passagens por Paris e Madrid, evoluiu para uma ideia mítica de portugalidade que conjugasse o que de melhor os seus representantes máximos, Camões, Vieira, Pessoa..., propuseram considerando sempre o profundo sentir do povo português espalhado e testemunhado nos quatro cantos do mundo.

Perfilhou desde cedo uma educação permanente, que na medida das suas forças ia alimentando com palestras, escritos na imprensa, ensaios, traduções, *cadernos culturais*.

Imbuído de um raro espírito de missão começou a sua participação na fundação de instituições educativas satisfazendo um pedido da Junta Nacional de Educação, no ano de 1932, para a abertura de um *Centro de Estudos Filológicos da Universidade Clássica de Lisboa*, sobre o qual nos diz ter aceite "pondo como condição que o presidente do Centro fosse José Maria Rodrigues, o mesmo que eu atacara na *Seara Nova* mas que considerei a pessoa mais capaz para aquela função [...] e obtive de Sá Oliveira a cedência de uma sala no Liceu"³.

Eis então a sua primeira fundação universitária, das muitas a que no futuro se encontrará ligado. Não era trabalho fácil. Para além da novidade que apresentava e do campo pouco lucrativo a que se dedicava, havia ainda que contar com a indisponibilidade económica das estruturas responsáveis para conseguir um normal funcionamento do Centro. Mas era a incerteza do futuro que mais parecia cativar Agostinho. Primeiro instituiu, a seguir logo se veria aonde o desenrolar dos acontecimentos iria conduzir: "De poucos meios materiais dispúnhamos - logo a simples compra do primeiro livro, uma edição do Cancioneiro de Resende, foi um episódio financeiro complicado e teve de meter subsídio especial da Junta..."⁴.

Mais tarde, com a "... convicção de que o trabalho educativo é basilar e de que grande parte dos esforços do escol de cada país se deve canalizar neste sentido..."⁵, fundou o Núcleo Pedagógico Antero de Quental, com os seguintes objectivos:

"... 1. Realizar missões de cultura pelas vilas e aldeias, com palestras, leituras comendadas, projecções cinematográficas, concertos, representações, exposições de arte e de ciência;

2. Organizar conferências pedagógicas em que se tratem todos os problemas relativos à educação de crianças e adultos;

3. Promover a publicação de um Boletim de divulgação pedagógica;

4. Promover a publicação de colecções de iniciação cultural para crianças e adultos;

5. Fundar escolas experimentais em que se estude a adaptação ao nosso País de métodos modernos;

6. Organizar uma Biblioteca pedagógica com serviços de empréstimos domiciliário;

7. Criar nos pequenos centros de população bibliotecas escolhidas que despertem e cultivem o gosto pela leitura;

8. Organizar sessões de cultura por T. S. F."⁶.

Num jornal literário da época, *O Diabo*, podem ler-se algumas daquelas que foram as

preocupações educativas deste Núcleo Pedagógico. Em 29/07/39, a página que divulga o Núcleo inclui os seguintes assuntos: "Os pais e a orientação profissional", onde defende, o trabalho neste campo, feito entre nós pelo Dr. Faria de Vasconcelos, elogiando o jogo como campo desvalorizado da futura profissão. "Equipes sociais", elogiando a fundação de equipes por Robert Garrie que mostrou ser possível reunir num trabalho comum, jovens de diferentes opiniões políticas e religiosas, de procedências diversas, reforçando que para lá de todas as diferenças e divergências há fins comuns a todos e ninguém vive verdadeiramente se não conhecer o pensamento e hábitos dos outros homens. "Os 'quadros' das colónias de férias", dá a conhecer a forma como se formam os orientadores das colónias de férias em França, apelando para que os organizadores das colónias portuguesas sigam o mesmo exemplo⁷.

Outra página do Núcleo, que conta com a colaboração do Dr. Álvaro Salema e Mário Emílio do Sacramento, inclui os seguintes assuntos: "As distrações infantis", onde critica os pais ricos por darem muitos brinquedos aos filhos por lhe limitarem a imaginação e o interesse. "Psicologia da adolescência", dá a conhecer e elogia o estudo pioneiro desta área do saber que se faz em França e o seu grande interesse para melhorar as condições educativas dos jovens estudantes. "A educação cívica e as actualidades", assunto que surge da análise de uma notícia de um relatório suíço sobre o desinteresse dos jovens pelos assuntos da actualidade, onde se defende o fortalecimento da educação cívica através do ensino e debate dos assuntos actuais do dia a dia, ao mesmo tempo que se faz o elogio do método Pestalozzi com as crianças de Staus⁸.

Instituições pedagógicas promovidas por Agostinho da Silva no Brasil entre 1954 e 1968

Foi no Brasil que Agostinho da Silva mais instituições educativas ajudou a fundar.

O encontro de Agostinho com terras brasileiras não foi um "amor à primeira vista". Bem pelo contrário, pois diz-nos que no "primeiro contacto, o Brasil pareceu-me demasiado confuso"⁹. A solução foi debandar em busca da terra prometida pelos países da América Latina, Uruguai e Argentina, onde organizou cursos de pedagogia experimental.

Mas a experiência falhou e regressou ao Brasil em 1948. Em 1953 e no Rio de Janeiro, trabalhou em Entomologia no Instituto Oswaldo Cruz¹⁰, e na companhia do seu antigo colega da "Seara Nova", Jaime Cortesão, "... em investigações da vida de Alexandre de Gusmão"¹¹, ensinando ainda Filosofia da Educação na que é hoje a Universidade Federal Fluminense... [na altura, denominada Faculdade Fluminense de Filosofia do Rio de Janeiro]¹², da qual nos diz que "Foi a primeira universidade na qual tive um papel [...], de fundador"¹³.

Avisado por Jaime Cortesão de que José Américo de Almeida planeava fundar uma universidade em Paraíba, parte voluntariamente para nela leccionar "... História Antiga, e também Geografia Física..."¹⁴. Contava apenas com dois alunos. Recorda ele: "Foi para mim uma grande lição. Numa cidade onde não havia nem uma única livraria, foi possível montar uma Universidade [...]. Hoje, 30 anos depois, no conjunto das Universidades brasileiras, a de Paraíba é considerada excelente"¹⁵. Nesta Universidade lançou a ideia de criar um Departamento de Cultura Popular, inviabilizado na altura, mas que muitos anos passados se tornou ex-libris desta instituição universitária¹⁶.

Sendo Agostinho também um homem de acção, a quem a rotina atrapalha¹⁷, continuou a desdobrar-se na concretização de múltiplos projectos. Com Jaime Cortesão, nos anos de 1954/55, trabalhou na Exposição Histórica do 4º Centenário da Cidade de S. Paulo, onde ocupou o lugar de director dos serviços pedagógicos. No exercício desta cargo, uma deslocação ao Rio de Janeiro permitiu-lhe encontrar-se com mais um intelec-

3.

tual português exilado em terras do Brasil, e que em Portugal tinha sido seu professor, Hernâni Cidade. Pela sua mão, enceta uma nova fase da vida, a de professor de Literatura Portuguesa na recém lançada Universidade de Santa Catarina¹⁸.

Em 1955 chega a Santa Catarina. Acerca da Universidade, dirá mais tarde: "Esta foi como que a coroação, a coroação brasileira daquilo que tinha sido começado pelos emigrantes açoreanos, pelos emigrantes alemães do vale de Itajaí, pelos italianos que foram fazendo as suas quintas, as suas fazendas até à fronteira da Argentina"¹⁹. Talvez por isso nela veja como seu "... grande mérito [...] exactamente as coisas que o açoreano, o alemão ou o italiano levaram - as técnicas. É muito boa [...], em mecânica, em biotecnologia [...] em biologia marítima, etc."²⁰.

É em Santa Catarina que, ao ter conhecimento dos estudos que alguém fazia sobre Angola, entendeu que a influência de África no Brasil era enorme. Ele mesmo nos diz: "... não se conhecia realmente aquela África que era preciso conhecer, que não era a África histórica mas a austral, aquela que seguia em frente e com a qual o Brasil tinha que agir"²¹. O interesse por África aumentava cada vez mais, o que o levou a projectar um Centro de Estudos Africanos que se dedicasse exclusivamente à pesquisa que urgia iniciar. Porém, em Santa Catarina nunca viu criadas as condições que lhe permitissem concretizar o seu projecto.

Agostinho, não obstante, alimentou este sonho e, no decurso do ano de 1959 terá outro encontro casual que o fará rumar a diferentes paragens. Esse encontro foi com Eduardo Lourenço, então professor na Universidade da Bahia "... que veio a Santa Catarina e me traçou de Edgar Santos, o reitor da Universidade de Salvador, a Universidade Federal da Bahia, um retrato como se ele fora um príncipe do Renascimento. Era um homem que tinha quanto dinheiro queria do Ministério da Educação, que tinha uma imaginação aberta e que quando lhe aparecia uma proposta interessante, se ela realmente o interessava a ele, punha-a imediatamente em prática"²².

Foi então procurar esse reitor. Depois de algum tempo de espera Agostinho da Silva preparava-se já para regressar a Santa Catarina sem ter cumprido o objectivo quando o acaso, novamente, o protege, pois, "... tinha chegado a Salvador o Roberto Assunção, que era nessa altura o embaixador brasileiro junto da Unesco e vinha dar ao Reitor a notícia de que a Unesco estava com um projecto, a que chamava de 'Projecto Maior', de estudos Orientais. Relativo ao conhecimento do Oriente no Ocidente, nele também se podia incluir alguma coisa de África..."²³.

A audácia do reitor era conhecida, bem como a sua prudência, própria de quem passa a vida a decidir. Sabendo que o ambiente da sua universidade não seria de todo favorável à concretização deste projecto mas, por outro lado, não querendo desperdiçar a oportunidade de concretizar um objectivo que tinha nascido na própria UNESCO, encontrou uma maneira original de Agostinho dar forma aos seus propósitos. O Centro não poderia apenas tratar de estudos africanos, mas teria de incluir também os estudos orientais. Pensando ambos que quando um projecto é bom a sua concretização não pode nem deve ser impedida por uma questão de nomes, acertaram na designação de Centro de Estudos Africanos e Orientais²⁴ e combinaram que funcionaria de uma forma mais ou menos anónima, para não criar rivalidades e possíveis cisões em toda a estrutura universitária por si gerida. Assim, o reitor propôs a Agostinho a solução que lhe pareceu mais adequada: "... você vai lá para baixo (para a cave [da Reitoria]) e não aparece. Mas, como eu tenho de lhe pagar, nós vamos a ver aí na Universidade que coisa há que você possa ensinar e eu lhe pago por aí e não pelo Centro"²⁵.

Para servir publicamente a universidade escolheu dar uma nova disciplina. Agostinho, mestre do imprevisível, disse apenas ao reitor: "Porque é que eu não vou para

lá ensinar a Filosofia do Teatro, que é uma coisa que não existe? A gente inventa. Quando a gente inventa ninguém pode ir contra...²⁶. E assim foi. A nova cadeira foi ganhando adeptos dos quais se destaca Glauber Rocha, que se tornou um importante cineasta²⁷.

Mesmo a partir das catacumbas da Reitoria, o Centro deu importantes resultados: "Nessa altura surgiu a ideia de se poder mandar para Dakar, para o Senegal, um professor de coisas brasileiras"²⁸. Senghor era então o Presidente da República senegalesa e Portugal estava quase a entrar em guerra nos territórios africanos que dominava, não sendo por isso, bem vista a sua presença no mundo africano. Restava o Brasil para fortalecer e divulgar a cultura portuguesa nos países africanos independentes. Com esse objectivo, satisfazendo o desejo de Senghor de introduzir e divulgar o ensino do português nas escolas senegalesas, Agostinho mandou "... um [...] professor para Dakar, o qual iniciou o estudo do português na Universidade. Senghor deu-se muito bem com o professor, Pedro Moacir, e este com o Presidente"²⁹.

O tempo ia passando e o Centro cumprindo os seus objectivos: "... a certa altura eu pude mandar para a Nigéria, para o Gana, outros professores, que foram ensinar o que sabiam sobre o Brasil"³⁰. Outras personalidades com vidas mais ou menos curiosas, partiram para África para "aprender a África" e "ensinar o Brasil". Vivaldo da Costa Lima, em companhia de Pierre Vergé, foram "... para a Nigéria, com o encargo de passar pelo Daomé, pelo Benin, sobretudo por duas localidades: Porto Novo e por uma fortaleza que os portugueses ainda tinham nessa altura em África, Uida ou Ajudá [...] que tinha sido realmente ali estabelecida pela Bahia para comércio de escravos"³¹.

Na Europa Agostinho pôde criar, a partir da Bahia, um Centro de estudos na Universidade de Sófia "... que, apesar do completo desinteresse do governo português, acabou por se denominar Centro Luso-Brasileiro, por exclusiva pressão da Embaixada do Brasil"³².

Instalou, ainda, no Centro, "o estudo de línguas que interessavam a África e ao Oriente: iorubá, árabe, urdu, hindi."³³. Será esta actividade que provocará a abertura da Universidade a toda a sociedade civil, já que "Logo que se iniciou esse curso de iorubá, a gente do candomblé começou a ir lá. Muitos não tinham sequer a instrução primária, foi a primeira vez que uma Universidade no Brasil tinha alunos sem a instrução primária..."³⁴. A comunidade cada vez mais foi estimando a sua Universidade e esta cada vez mais a foi considerando na tomada das suas resoluções.

No acto eleitoral de 1961 apoiou publicamente um dos candidatos derrotados mas, quando Jânio Quadros, que viria a ganhar as eleições com grande margem de votos, defendeu na sua campanha a aproximação do Brasil a África, recebeu logo, da parte de Agostinho, o inteiro dispor do seu Centro que mais ou menos clandestino ia cumprindo os seus objectivos. Como Jânio Quadros nunca mais se decidiu a procurá-lo, foi ele que pessoalmente o procurou para obter uma resposta à disponibilidade manifestada pelo Centro para definir o futuro das relações com África. Diz-nos o nosso pensador: "Demo-nos muito bem, ele pediu-me logo as minhas opiniões sobre vários assuntos e ali ficou estabelecido que nomearia embaixadores brasileiros para esses países que nunca os tinham tido. Portanto, a área do Ministério das Relações Exteriores ficou logo à nossa disposição"³⁵. Jânio Quadros, acabou também com a clandestinidade do Centro, pois comprometeu-se a financiá-lo com "... um orçamento extra que permitisse alargar em muita coisa, o que foi uma notícia espantosa para o reitor, que julgava que o presidente não ligaria nenhuma importância ao assunto"³⁶. De certa forma abençoado pelas mãos do chefe da Nação, o Centro de Estudos Africanos e Orientais, pôde deixar as catacumbas e conhecer a luz do dia, uma vez que "... a Universidade soube o que se passava e imediatamente aceitou que dentro da Universidade Federal da Bahia houvesse um

Centro de Estudos Africanos e Orientais. Assim, saí da cave e fui transferido para um palacete que havia ficado vago e onde estávamos à vontade para dar aulas, ter biblioteca, museu, enfim tudo o que se quisesse e durante bastante tempo fez-se um bom trabalho³⁷.

Como a Universidade de Baía haveria de ver o seu reitor demitido por ordem directa de Jânio Quadros, Agostinho, porque "... o essencial estava feito..."³⁸, decidiu solidarizar-se com o reitor abandonando as suas funções nesta Universidade.

Sem nada de novo para fazer, e depois de já ter passado pelo cargo de Director de Cultura do Estado, de ter trabalhado também na Direcção Geral do Ensino-Superior, no Ministério da Educação e de ter assessorado a política externa de Jânio Quadros aquando da sua presidência³⁹, regressará, em 1961, de novo à sua Universidade de Santa Catarina, à espera que outra oportunidade de instaurar coisas novas lhe pudesse surgir.

Neste ano, ajudou a criar um Centro de Estudos Goianos na Universidade de Goiás, integrando também a Comissão de Estudos Ibéricos na Universidade de Mato Grosso e uma outra de Estudos Europeus na Universidade do Paraná.

Surgiu-lhe, então, um novo desafio: "Felizmente, Darcy Ribeiro teve a ideia de fazer a Universidade de Brasília e eu acabei por sair de Santa Catarina em comissão de serviço. Fui para Brasília ajudar a fazer a Universidade local"⁴⁰, decorria ainda o ano de 1961.

Apesar das resistências iniciais do poder político de então à criação de uma universidade em Brasília, cidade criada para assumir o papel de Capital Federal do Estado Brasileiro, Darcy Ribeiro, que coordenava o projecto de instalação da referida universidade em colaboração com Ciro dos Anjos, este mais próximo do presidente Juscelino Kubitschek, "... reuniu muitos dos seus amigos. Reuniu não só os das ciências humanas, mas ainda os cientistas, gente que estivera com bolsas fora do país, que conhecia as modernidades da ciência e juntou-os todos para fazer a Universidade de Brasília, que estava então para se tornar na capital do país"⁴¹.

O projecto de instalar em Brasília a melhor universidade do país era naturalmente ambicioso, uma vez que presidia à sua criação a finalidade última de ser a "... Escola Normal Superior das Universidades brasileiras..."⁴², que formaria quadros de altíssima qualidade e, a seguir, enviá-los-ia para as restantes universidades da nação com o fim de elevar a vida universitária pela melhoria qualitativa do ensino ministrado.

Achou que o projecto era muito bom e prontificou-se a trabalhar em prol da sua efectiva realização, propondo apenas uma alteração: "... eles iam ter um curso de filosofia..."⁴³, mas como a sua experiência lhe dizia que "... há muita gente que ao tratar de filosofia, não refere esse problema, [o problema da existência ou não de um ser supremo], embora haja a obrigação de ser filósofo quando se trata de teologia..."⁴⁴, apresentará então uma proposta nova "... que em lugar de uma Faculdade de Filosofia fizesse uma escola, uma faculdade, uma coisa qualquer de teologia, capaz de abranger as questões de todas as espécies que aparecem às pessoas à volta desse problema da existência ou inexistência, característica ou não característica de uma coisa, de um conceito chamado Deus e que se fizesse algo de uma maneira nova"⁴⁵. Agostinho pretendia que uma universidade que se preparava para formar as elites de um país não negasse a possibilidade a todos os que a procurassem, de nela encontrar algumas respostas ou outros caminhos para as suas frágeis existências. Assim, queria que o Instituto de Teologia fosse o "... verdadeiro centro da Universidade, o lugar donde tem de partir toda a inspiração de trabalho e de organização, o ponto aonde tem de refluir, para que se pense, tudo o que for, nos outros Centros ou Institutos, em boa hora igualmente desligados do que signifique profissão ou carreira, descoberta ou invenção, que provavelmente o mesmo valem"⁴⁶.

Para ele, para além disto, a universidade oficial, complementar-se-ia ainda com uma

faceta popular de ensino livre abrindo-se a todos os que a procurassem, independentemente das suas habilitações literárias, da sua condição social, ou do tipo de religião que professassem. Queria, assim, fazer com a Faculdade de Teologia de Brasília, o que já tinha feito na Universidade da Bahia com o ensino das línguas: "As pessoas iriam ali para ver como era esse problema da teologia, como era esse problema da religião e terem a possibilidade de conviver com a gente que ali houvesse"⁴⁷.

Num momento posterior, Darcy Ribeiro, para agradar a facções específicas da sociedade brasileira alterou a ideia inicial do Instituto de Teologia, "... instalando lá a teologia católica e só católica, nem mesmo cristã, enquanto para satisfazer os seus amigos de esquerda, Darcy entregou a Faculdade de Teologia ou esse projecto de Escola de Teologia aos dominicanos - por serem eles [...], a ordem religiosa brasileira mais interessada, até [mais] do que os jesuítas, numa renovação, num progressismo no que toca à concepção teológica"⁴⁸.

A pequena vitória que tinha conseguido com a instalação do Instituto de Teologia, porque dos arranjos políticos nascera com outros arranjos políticos se haveria de extinguir: "... o que a política dá a política o tira, era apenas uma parte do que eu achava possível que se fizesse: o que eu queria, no fim de contas, era um Convento ecuménico, com cristãos, muçulmanos, budistas, shintoístas e animistas, e cheguei a falar, para estes últimos pontos, com Amigos ceilaneses, japoneses e nigerianos"⁴⁹. As características especiais deste sonhado e só parcialmente realizado Instituto iam, para o nosso autor, garantir a coesão necessária da universidade porque nele e por ele ficaria garantida a "... distância do mundo e o amor da vida que levasse alunos e professores a não verem como pontos fundamentais de existência o diploma e a cátedra"⁵⁰.

Nesta altura, porém, já os seus propósitos eram outros e iam muito além: "... estava noutra luta; a de reafirmar laços do Brasil com Portugal, no essencial de sua cultura universalista, o que me valia espalhar-se em Brasília que estava eu ao serviço do extinto regime, e estabelecer laços com Angola, Cabo Verde, Moçambique, principalmente com Angola, o que levava o tal extinto regime a considerar-me comunista"⁵¹.

O seu projecto nunca se confundiu com a mesquinha ambição pessoal tão característica da vaidade humana. Um dia é-lhe comunicado pelo reitor o seguinte: "... só vamos ter aqui Institutos das Nações Estrangeiras. Vêm os Japoneses, vêm os Alemães, vêm os Americanos..."⁵². Estes governos "... tinham acedido a instalarem à custa deles um departamento oficial mas, evidentemente, subordinado à organização da Universidade, isto é, institutos de cultura alemã, japonesa, etc."⁵³. Portugal e Espanha, devido aos regimes totalitários que governavam os seus povos, ficavam de fora. A Cultura espanhola ficaria a cargo do Instituto mexicano, e a portuguesa, a cargo exclusivo do professor Agostinho da Silva⁵⁴.

De imediato quis abandonar um projecto que ignorava todo um povo. Diz-nos ele: "Eu estava lá como professor de cultura portuguesa ou melhor de literatura, porque literatura portuguesa era o nome que aquela história tinha no currículo da Universidade. Mas eu sempre entendi literatura portuguesa como cultura portuguesa e nunca a dei doutra maneira, pois não me interessava absolutamente nada estar a fazer só análises literárias em lugar de transmitir às pessoas aquilo que eu penso que é a cultura portuguesa"⁵⁵.

Agostinho tinha abandonado o seu país por divergências políticas e não tinha as melhores impressões dos governantes de então. Contudo, recusava-se a confundir o momento conjuntural com a grandeza histórica de um país ao qual se orgulhava de pertencer e, por isso, deixou bem claro que a divergência política não se podia sobrepor ao valor de um povo. Aceitava a "... represália ou um castigo contra o Governo português [...], mas [...] se é um castigo contra Portugal então a coisa muda de figura. Porque se o

Brasil é fundamentalmente alguma coisa, é português, é um substantivo da cultura portuguesa...⁵⁶. Ao contrário "... o alemão, o japonês, etc, pelos quais posso ter mais ou menos consideração, são apenas adjectivos que se vêm agregar a esse substantivo"⁵⁷.

Ele próprio, diplomaticamente sugere a solução que simultaneamente afasta o governo português da Universidade de Brasília e mantém a sua pessoa à frente de um Instituto de Cultura Portuguesa. Uma vez que, estatutariamente, a universidade estava impedida de fundar institutos, nada mais fácil, a seus olhos, do que alterar os estatutos, sendo ela mesma a fundadora do dito Instituto⁵⁸. Mas, para que politicamente a universidade saísse vencedora desta contenda com os governantes portugueses, sugeriu que se diga tratar-se "... de uma iniciativa da Universidade e que Portugal lhe interessa apenas na medida em que é Brasil. Evidentemente que vai ter de trabalhar Portugal, mas por agora acentua que ele só lhe interessa por ser parte fundamental do Brasil"⁵⁹. E, para que no campo hermenêutico não se estabeleça qualquer confusão entre nomes e nomeados, sugere que o centro se chame "... Centro Brasileiro de Estudos Portugueses"⁶⁰.

Os estatutos acabaram por ser mudados e a criação do Centro foi uma realidade. Para a sua direcção, foi naturalmente, Agostinho da Silva, que tinha sido, aliás, o promotor da ideia.

A universidade tinha criado o Centro, mas não tinha dinheiro para o equipar. Agostinho sabe que não pode recorrer directamente ao governo português, mas não cruza os braços. Escreve para Lisboa, para o seu amigo Almerindo Lessa, alertando-o para a situação. Este depressa fala com um representante do poder instituído: Adriano Moreira, o Ministro do Ultramar do governo de então. Adriano Moreira "... sem que ele [Almerindo Lessa] lhe tivesse pedido nada, encarregou-o de arranjar a biblioteca para Brasília, com ordem para todas as repartições do Estado cederem aquilo que ele achasse. Mandou ainda fazer um catálogo de toda aquela biblioteca, com cerca de oito mil volumes, e foi o próprio Almerindo que a levou ao Brasil...⁶¹. E lá chegaram os livros ainda antes de existir um edifício para albergar o Centro que Agostinho "... queria inteiramente à parte da Universidade"⁶². Contudo, chegaram em boa hora e serviram desde logo para serem mostrados em exposição e ajudarem a divulgar o Centro. Mas também serviram para pressionar o reitor a disponibilizar as instalações que faltavam para o Centro poder começar a funcionar. Para não desiludir Agostinho, aquele "... mandou fazer um barracão de madeira provisório, para meter a biblioteca [...]. Começou logo ali o trabalho com conferências, exposições e a arrumação dos livros ia-se fazendo como se podia"⁶³.

Por essa altura Franco Nogueira auscultou-o sobre a viabilidade efectiva de uma proposta para criar uma comunidade luso-brasileira. Agostinho que pensava não ser possível, à época, o Brasil aceitá-la, contrapôs algo que, a seu ver, poderia convencer o Brasil: uma comunidade "... luso-afro-brasileira, com o centro de coordenação em África, de maneira que não fosse uma renovação do imperialismo português, nem um começo do imperialismo brasileiro. O foco central poderia ser Angola...⁶⁴. É claro que tal sugestão não teve acolhimento já que o interesse da guerra colonial que estava a decorrer era exactamente impedir a formação de novos países e a salvaguarda dos interesses políticos do governo de Portugal.

Quando a ditadura se instalou definitivamente no Brasil, Agostinho continuava a gerir o Centro mas mostrava-se desencantado com o rumo dos acontecimentos. Tinha de dar justificações em demasia ao poder político e mesmo ao novo poder universitário, o que ia contra a sua maneira de ser e estar na vida. Ele mesmo nos diz: "Não havia mais jeito nenhum. Então o que eu tratei foi de preparar sucessores, gente que viesse a seguir para eu poder virar-me para outros interesses, que me estavam chamando [...]. E estava

nessa fase quando apareceu um convite americano⁶⁵. Mas tal como nos tempos da ida para o Brasil, a tentativa da América Latina o desagradou, será agora a vez da América do Norte também não o cativar. Achou as universidades americanas muito boas do ponto de vista científico, mas de uma frieza exagerada no campo das relações humanas. Agostinho que há muito adoptara como ideal a *vida conversável*, não poderia nunca manter relações com pessoas que pareciam ter adoptado o espírito frio e distante das máquinas, e, por isso, regressou ao Brasil de onde, passado algum tempo, partiu para o Oriente.

Assim, ainda ao serviço da Universidade de Brasília, passou uma boa temporada no Japão, "... para observar como eram as universidades de lá, e depois ver se havia alguma coisa a adoptar na nossa"⁶⁶. Excelente oportunidade se lhe proporcionou então para investigar as marcas que se iam mantendo da passagem dos portugueses por estas terras tão remotas. Com o mesmo espírito de calcorrear terras tão distantes mas tão presentes na história da nação portuguesa, que era a sua, aproveitou "... para ir a Macau e a Timor"⁶⁷. Este último país exerceu nele um grande fascínio a ponto de declarar: "Se tivesse de me decidir, escolhia morar na ponta leste de Timor. É uma coisa linda aquela ponta até ao lado [da] terra [...]. Timor é uma coisa extraordinária!"⁶⁸.

Agostinho viu como fim da Universidade de Brasília a realização que está expressa nos painéis de Nuno Gonçalves que congregam cristãos, judeus e mouros, "... na Críandade que andou no pensamento de Camões; no maravilhamento de descobrir que sentiu o mais humilde marinheiro das naus; e naquele dar-se inteiro que, florindo no melhor dos pilotos, dos guerreiros, dos administradores, dos religiosos e dos sábios e, sendo voz permanente no coração do povo, fez com que o nome de Portugal tenha sido verdadeiramente o nome dos Sete Mares"⁶⁹. Daria, assim, a Universidade de Brasília, a "... possibilidade única de transformar as nossas saudades em projectos, de assegurar que a luz virá, exactamente no momento em que a névoa mais parece cerrar-se"⁷⁰.

Palavras finais

Em 1969 regressou a Portugal e até à sua morte nunca deixou de tentar dar forma e incentivo a outros projectos educativos à margem do sistema político de educação nacional de que se destacam: os *folhetos* que foi publicando, entre outros, *Bahia* (1970-71), *Barca d'Alva* (1971), *O baldio do povo* (1971). A *fundação nacional* (1972), onde continuou a reforçar a necessidade de refundar o estado cooperativo medieval português⁷¹. O incentivo à abertura de um *Centro Cultural* em Olivença (1987); a proposta de abertura de uma *Feitoria Cultural* em Moçambique (1988); *Projecto Áreas* (1992); *Casa de estudos de Setúbal* (1992).

Bibliografia

- De Agostinho da Silva
 "Carta do Brasil", in *Colóquio, revista de artes e letras*, Lisboa, n.º 18, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio de 1962, p. 46.
 "Perspectivas", in *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n.º 4, Lisboa, 1968, pp. 311-324.
 Comemoração de "Os Lusíadas", Lisboa, separata do boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1972, pp. 139-142.
 "De terras europeias", in *Vida Mundial*, Lisboa, 7-4-1972, pp. 31-32.
 "Fundação Nacional", in *Vida Mundial*, Lisboa, 8-9-1972, pp. 43-44.
Considerações e outros textos, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
Um Fernando Pessoa, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1988.
Dispersos, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.
Educação de Portugal, Lisboa, Ulmeiro, 1989.
 "Notas outras sobre a Europa e o mundo", in *ICALP*, Lisboa, n.º 15, Março de 1989, pp. 13-19.
Reflexão, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1990.
As aproximações, 2ª ed., Lisboa, Relógio d'Água, 1990.
O método Montessori, 3ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, 1991.

- Cadernos do ermitão associado - projecto áreas*, Texto Policopiado, Lisboa, 1992.
Folhinhas do convento, Textos Policopiados, Lisboa, 1993.
Vida conversável, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.
Conversas com Agostinho da Silva, (entrevista a Victor Mendanha) Lisboa, Pergaminho, 1994.
Ir à Índia sem abandonar Portugal (entrevista a Gil de Carvalho e Hermínio Monteiro), Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.
A última conversa (entrevista de Luís Machado), Lisboa, Editorial Notícias, 1996.
Namorando o amanhã, Alhos Vedros, Cooperativa da Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996.
Reflexões, aforismos e paradoxos, Brasília, Thesaurus, 1999.

Sobre Agostinho da Silva

- AA VV, "Agostinho da Silva, Pronto a Pensar", in *Expresso Revista*, Lisboa, 31-03-1990, pp. 4R-13R.
 AA VV, (Org. de Almir de Campos Bruneti), *Homenagem a Agostinho da Silva*, Newcomb College, Tulane University, New Orleans, 1991.
 AA VV, "Agostinho da Silva", in *A Phala*, n.º 38, Lisboa, Assírio & Alvim, Julho-Agosto 1994.
 AA VV, "Especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva", in *O Comércio do Porto*, Porto, 3-4-1996.
 AA VV, *Tradição e inovação - sua unidade em Agostinho da Silva (actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999)*, S/L, CADA - de cada um a cada qual, S/D.
 Flórido, José, *Um Agostinho da Silva - correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, pp. 5-77.
 Lourenço, Eduardo, "Prefácio", in *Agostinho da Silva, A última conversa - entrevista de Luís Machado*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.
 Lourenço, Eduardo, "Um extra-ordinário Fernando Pessoa", in *Poesia e metafísica*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, pp. 233-244.
 Manso, Artur, *Agostinho da Silva - aspectos da sua vida, obra e pensamento*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2000.
 Mota, Helena Maria Briosa, Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996.
 Oliveira, José Aparecido de, "Saudade do Mestre" in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 13-4-1994, p. 43.
 Patrício, Manuel Ferreira, "Prefácio", in Mota, Helena Maria Briosa, Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996.
 Quadros, António, "Agostinho da Silva - pensador do mito português", in *Tempo Magazine*, Lisboa, 3-12-1981, pp. 6-7.
 Quadros, António, "Agostinho da Silva - profeta do terceiro milénio", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 22-9-1986, p. 8.
 Sá, Victor de, *Agostinho da Silva: trinta e tal anos de idade...*, Lisboa, Universidade Lusófona, 1994.
 Santos, Luís Carlos dos, *Do convento*, Setúbal, Livraria Uni Verso, 1996.
 Sousa, Ilídio de, "Bibliografia e antologia de textos", in *Contraste*, Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, n.º 1, ano 0, Novembro de 1995, p. 16; n.º 2, ano 0, Janeiro de 1996, p. 22; n.º 3, ano 0, Março de 1996, p. 22; n.º 4, ano 0, Maio de 1996, p. 22.

¹ Oliveira, José Aparecido de, "Saudade do Mestre" In *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 13-4-1994, p. 43.

² Goulart, Aurora, "Ele me chamava de Aurorinha", in *Público*, Lisboa/Porto, 20 de Agosto 1999, p. 24.

³ Agostinho da Silva, "Entrevista com Agostinho da Silva, in *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989, p. 48.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Agostinho da Silva, *O método Montessori*, Lisboa, Inquérito, 1939, p. 80.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Cf. *O Diabo*, Lisboa, 29-07-1939, p. 3.

⁸ Cf. *O Diabo*, Lisboa, 26-08-1939, p. 3.

⁹ "Entrevista com Agostinho da Silva", in *Dispersos*, p. 59.

¹⁰ Cf. *ibidem*, p. 60.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*, p. 61.

¹⁶ Cf. *ibidem*.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 63.

¹⁸ Cf. "Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP", *Ibidem*, p. 85.

¹⁹ Agostinho da Silva, *Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, p. 120.

-
- ²⁰ Ibidem.
- ²¹ "Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP", in *Dispersos*, p. 86.
- ²² *Vida conversável*, p. 122.
- ²³ "Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP", in *Dispersos*, pp. 87-88.
- ²⁴ Cf. *ibidem*, p. 88.
- ²⁵ Ibidem.
- ²⁶ Ibidem.
- ²⁷ Cf. *ibidem*.
- ²⁸ *Vida conversável*, p. 124.
- ²⁹ Ibidem.
- ³⁰ Ibidem, p. 125.
- ³¹ Ibidem, p. 126.
- ³² "Entrevista com Agostinho da Silva", in *Dispersos*, p. 65.
- ³³ *Vida conversável*, p. 126.
- ³⁴ Ibidem, p. 127.
- ³⁵ Ibidem, p. 128.
- ³⁶ Ibidem.
- ³⁷ Ibidem.
- ³⁸ Ibidem.
- ³⁹ Cf. "Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP", in *Dispersos*, p. 90.
- ⁴⁰ *Vida Conversável*, p. 139.
- ⁴¹ Ibidem, p. 145.
- ⁴² Ibidem, p. 146.
- ⁴³ Ibidem.
- ⁴⁴ Ibidem.
- ⁴⁵ Ibidem.
- ⁴⁶ "Notas para uma posição ideológica e pragmática da universidade de Brasília", in *Dispersos*, p. 245.
- ⁴⁷ *Vida conversável*, p. 146.
- ⁴⁸ Ibidem, pp. 147-148.
- ⁴⁹ "Goa - cadernos teológicos", in *Dispersos*, p. 469.
- ⁵⁰ Ibidem.
- ⁵¹ "Entrevista a Tereza Sá Nogueira", in *ibidem*, pp. 25-26.
- ⁵² "Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP", in *ibidem*, p. 91.
- ⁵³ *Vida conversável*, p. 152.
- ⁵⁴ Cf. *ibidem*.
- ⁵⁵ Ibidem.
- ⁵⁶ Ibidem, pp. 152-153.
- ⁵⁷ Ibidem, p. 153.
- ⁵⁸ Cf. *ibidem*.
- ⁵⁹ Ibidem.
- ⁶⁰ Ibidem.
- ⁶¹ Ibidem, p. 155.
- ⁶² Ibidem.
- ⁶³ Ibidem.
- ⁶⁴ Ibidem, pp. 156-157.
- ⁶⁵ Ibidem, p. 172.
- ⁶⁶ A última conversa - entrevista de Luís Machado, p. 70.
- ⁶⁷ Ibidem, p. 72.
- ⁶⁸ Ibidem, pp. 72-73.
- ⁶⁹ Agostinho da Silva, "Carta do Brasil", in *Colóquio*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio de 1962, p. 47.
- ⁷⁰ Ibidem.
- ⁷¹ Cf. *Vida Mundial*, 8-9-72, pp. 43-44.

Escolas, Culturas e Identidades

Comunicações - volume III



António Gomes Ferreira (Org)

III Congresso
Luso-Brasileiro de História da Educação
Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
Coimbra 2004

Capa: a partir de uma ideia de A.M. Grafismo: M.C. Impressão: Ediliber - Coimbra